

Produções cinematográficas como ferramenta de reflexão no curso de Medicina: ressignificando a aprendizagem

Cinematographic productions as a thought tool in the medical course: re-signifying the learning

Diego Gabriel Ribeiro Barbosa¹, João Paulo Santos Nogueira¹, Sérgio Luchini Batista², Priscila de Freitas-Lima³

Resumo: A utilização de recursos audiovisuais no âmbito acadêmico é uma prática antiga que tem ganhado notoriedade ante as tendências pedagógicas de formação baseada em competências. O cinema cada vez mais se consolida como uma ferramenta de cartografia da contemporaneidade que incita a reflexão, o debate e o aprender colaborativo. Além de complementar sob diferentes ópticas temáticas usuais das ciências médicas, o cinema possibilita também a expansão da aprendizagem para searas poucas vezes exploradas no currículo médico formal, tais como altruísmo, compaixão e empatia. Na presente comunicação breve objetivamos traçar uma visão panorâmica sobre a aplicabilidade desta estratégia no curso de Medicina, lançando olhar sobre o que nossa experiência neste tocante nos tem desvelado até o momento. Desde a horizontalidade na curadoria dos filmes apresentados até a imprescindível presença de preceptores especialistas norteando e adequando as discussões, fica claro o engajamento dos alunos à proposta, assim como nossa exitosa iniciativa de promover socialização, diálogos frutivos, trocas de percepções e consequente aprendizagem colaborativa, valiosas premissas de uma bem-sucedida metodologia baseada na construção de habilidades e competências pautadas na excelência técnica, ética e conduta humanista.

Palavras-chave: Educação médica; Cinema; Reflexão; Filmes.

Abstract: The use of audiovisual resources in the academic sphere is an old practice, but it has gained notoriety in face of pedagogical trends in competence-based training. Cinema is increasingly consolidated as a tool for contemporary cartography that encourages reflection, debate and collaborative learning. In addition to complementing under different perspectives usual themes in medical sciences, cinema also enables the expansion of learning to fields rarely explored in the formal medical curriculum, such as altruism, compassion and empathy. In this brief communication, we aim to draw a panoramic view of the applicability of this strategy in the medical course, looking at what our experience in this regard has revealed to us so far. From the horizontality in the curation of the films presented to the essential presence of expert preceptors guiding and adapting the discussions, it is clear that the students are engaged in the proposal, as well as our successful initiative to promote socialization, fruitive dialogues, exchanges of perceptions and consequent collaborative learning, valuable premises for a successful methodology based on building skills and competences based on technical excellence, ethics and humanistic conduct.

Keywords: Medical education; Cinema; Reflection; Movies.

Recebimento: 08/06/2020
Aprovação: 29/06/2020

¹ Acadêmicos do curso de Medicina do Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto, SP, Brasil. Contato: bdiegogabriel@gmail.com, joaopaulosnog@gmail.com

² Doutorado em Medicina pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: sergio.batista@baraodemaua.br

³ Doutorado em Neurociências pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Autor de correspondência. Contato: priscila.freitas@baraodemaua.br

O atual modelo de graduação em Medicina visa oferecer aos alunos ferramentas que permitam intervenções na realidade através da articulação entre teoria e prática. Embora a grade curricular formal ainda seja demasiadamente densa e pareça, a princípio, pouco flexível, o ensino direcionado à construção de competências tem objetivado orientar a formação profissional pautando-se nesta articulação, buscando assim o desenvolvimento de habilidades e atitudes (BEN et al., 2017). Neste tocante, o emprego de estratégias alternativas às tradicionais preleções tem se mostrado uma via promissora, estando a utilização de recursos audiovisuais como o cinema em lugar de destaque não apenas por desempenhar papel complementar ao conteúdo didático previsto, mas sobretudo por trazer à tona olhares pouco explorados no currículo formal tais como altruísmo, comunicação e empatia (BER; ALROY, 2001; BER; ALROY, 2002; GALLAGHER; WILSON; JAINE, 2014; RABINOWITZ; MELZER-GEVA; BER, 2002; SAAB et al., 2005; SHANKAR, 2019).

Filmes refletem diferentes realidades, confrontando-nos com circunstâncias outrora intangenciáveis de modo a nos auxiliar na compreensão do mundo e de nós mesmos em uma cartografia da contemporaneidade (FREITAS; COUTINHO, 2013). O papel transgressor, visionário e problematizador do cinema (DELEUZE, 1990 apud FREITAS; COUTINHO, 2013) pode fazer dele uma útil ferramenta para a discussão de diferentes temáticas, como há tempos já vem sendo feito no cenário médico acadêmico com a psiquiatria, farmacologia clínica, cuidados paliativos, profissionalismo e ética, apenas para citar alguns exemplos (DARBYSHIRE; BAKER, 2012; FARRÉ et al., 2004; GARRISON, 2007). Interessantemente, compaixão e empatia são características geralmente presentes nos alunos ingressantes no curso de Medicina, mas que aparentemente cedem espaço a outros aspectos com o decorrer da formação acadêmica (NYQUIST, 2014; SHELLEY, 2015). O uso do cinema no ensino médico pode também auxiliar a manter tais capacidades aguçadas nos estudantes, o que certamente se reflete na qualidade da prática profissional (SHANKAR, 2019). Não menos importante é o fato de que, além de promover uma formação construtivista através da reflexão e do aprendizado colaborativo, a exibição de filmes é também momento de lazer e socialização para os estudantes.

O uso adequado da imagem, do som e dos efeitos agrega carga emocional às cenas, o que favorece a compreensão e apreensão de conceitos (GALLAGHER;

WILSON; JAINE, 2014; LUMLERTGUL et al., 2009; MCCONNELL; EVA, 2012), tanto quanto incita a liberdade de opinião frente a atmosfera impessoal da produção, conforme discutido por Ber e Alroy (BER; ALROY, 2002). Adicionalmente, a construção das cenas, dos núcleos e de suas respectivas inter-relações possibilita que o espectador assuma os vários olhares possíveis (paciente, médico, família, sociedade), a despeito de estarem eles certos ou errados (DARBYSHIRE; BAKER, 2012; LUMLERTGUL et al., 2009). Todavia, faz-se mister pontuar que um balizamento da discussão pode ser necessário neste sentido de modo a se evitar desvios do ponto central e a ocorrência do “Efeito Rashomon” frente a tantas perspectivas possíveis (BER; ALROY, 2001). A presença e a contribuição ativa de preceptores neste momento não só pode agregar como pode direcionar uma discussão profícua.

A adequabilidade da escolha por filmes comerciais hollywoodianos em detrimento de produção locais ou pouco conhecidas pelos alunos é temática controversa na literatura (BAÑOS; BOSCH, 2015; LUMLERTGUL et al., 2009; ROSE, 2003). Embora tenham sido produzidos com o intuito de entreter e não de educar, as grandes produções comerciais americanas e afins guardam alinhamento com a cultura ocidental globalizada. Eventuais ajustes para contextos locais e/ou contemporâneos podem vir a ser necessários. Ademais, a licença poética intrínseca à criação artística por vezes prescinde da acurácia científica, o que é passível de legítima crítica por parte de alguns autores (GREENBERG, 2009; RAMCHANDANI, 2012). Contudo, acreditamos que reconhecer estes aspectos faz parte do crivo profissional exercido pelos preceptores sobre a obra, e nos remete ao questionamento de, até que ponto, as projeções da sociedade sobre determinados papéis/comportamentos/doenças não são construtos estereotipados que futuros profissionais devem saber reconhecer e remodelar (FLORES, 2002; GOODE, 2002; TAPPER, 2010).

Avaliar os eventuais ganhos oriundos da experiência proposta é ponto fundamental para justificar sua legitimidade e intencionalidade para além de seu uso clichê ou pautado exclusivamente em seu viés vanguardista (BAÑOS; BOSCH, 2015; FREITAS; COUTINHO, 2013; LAW et al., 2015; LUMLERTGUL et al., 2009). O modelo desenvolvido por Donald Kirkpatrick nas décadas de 1950-60 (KIRKPATRICK, 1967) para avaliar os impactos de ações educativas pautando-se em indicadores de reação-

aprendizagem-comportamento-resultados é uma opção (LAW et al., 2015), assim como a aplicação, se oportuna, de testes de desenvolvimento moral como o proposto por James Rest (REST, 1979) e empregado no contexto em discussão por Self e colaboradores (SELF; BALDWIN; OLIVAREZ, 1993).

Em nível local, a iniciativa de estudantes do curso de Medicina tem buscado o propósito de ressignificar a experiência audiovisual e, mormente, a experiência de aprendizagem. Almejando favorecer a formação intelectual reflexiva, a formação cultural e a socialização dos alunos, o Comitê Local da Federação Internacional dos Estudantes de Medicina (IFMSA) atua em parceria com o Centro Universitário Barão de Mauá, desde 2015, na realização do evento intitulado “CineMed”. Este evento consiste na apresentação de obras cinematográficas que são utilizadas como contexto para discussões guiadas por especialistas das áreas temáticas escolhidas, endossando o caráter formativo da proposta. Já foram realizadas cinco edições do evento, as quais apresentaram as seguintes obras: *Precisamos falar sobre o Kevin* (dir. Lynne Ramsay, 2011), *Patch Adams: o amor é contagioso* (dir. Tom Shadyac, 1998), *A Garota Dinamarquesa* (dir. Tom Hooper, 2016), *Ilha do Medo* (dir. Martin Scorsese, 2010) e trechos do filme *Réquiem para um Sonho* (dir. Darren Aronofsky, 2000). A curadoria é feita pelos próprios alunos em um reforço à horizontalidade da iniciativa, e as exhibições são feitas em salas de aula da própria Instituição, desconstruindo o ambiente sem deixar de lado o caráter acadêmico da proposta.

A cada edição cerca de três obras eram colocadas em votação para que se escolhesse uma para exibição e discussão. Este processo desvelou uma observação interessante: parte dos alunos já havia assistido, como espectadores usuais da indústria cinematográfica, às opções de filmes que seriam apresentados. Tê-los em sala assistindo novamente a uma experiência já conhecida reforça que há a possibilidade de lançarmos múltiplos olhares sobre uma mesma produção, ora em busca de entretenimento, ora em busca de reflexão e aprendizado. Efetivamente o uso do cinema no meio acadêmico é uma estratégia que não precisa se esforçar para engajar o aluno, principalmente quando aplicado de modo a não sobrecarregar um currículo já demasiado denso.

Embora não tenhamos avaliado de maneira formal e estruturada os desdobramentos e impactos da iniciativa, os alunos participantes aprovaram o método

de abordagem das temáticas através de material audiovisual. Muitos relataram não ter conhecimento, até o momento da sessão, da literatura científica relacionada ao principal tópico discutido, mas que se sentiram estimulados a aprofundar seus conhecimentos depois da experiência oferecida.

A presença de preceptores orientando as discussões pós-exibição foi de suma importância para o êxito das edições do “CineMed”. Além de guiarem e estimularem os alunos a participar, os especialistas contribuíram com eventuais adequações das temáticas ao contexto do serviço de saúde brasileiro. No caso por exemplo dos trechos exibidos do filme *Réquiem para um Sonho* (dir. Darren Aronofsky, 2000), cuja temática central da discussão envolvia os tratamentos farmacológicos para a obesidade, a situação-problema foi apresentada e a discussão seguinte foi guiada por um caso clínico contextualizado à realidade brasileira, considerando fármacos aqui disponíveis e protocolos localmente adotados.

Alguns ajustes se mostram necessários de modo a alinharmos o “CineMed” à uma proposta de cineclube voltado à formação médica. Maior regularidade das edições e avaliação estruturada pré- e pós-exibição seriam pontos-chave neste tocante. Não obstante, indubitavelmente concluímos que se trata de uma iniciativa exitosa. Tem sido possível promover socialização entre alunos de diferentes períodos, diálogos frutivos com os preceptores, trocas de percepções e consequente aprendizagem colaborativa, valiosas premissas de uma bem-sucedida metodologia baseada na construção de habilidades e competências pautadas na excelência técnica, ética e conduta humanista.

Conflitos de interesse: Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

Agradecimentos: Agradecemos aos preceptores convidados e ao Comitê Local da IFMSA por viabilizar a realização do CineMed, especialmente aos alunos Maria Eduarda Santos, Carolina Guimarães Moura, Otávio Bacciotti Bonfá Rodrigues e Ana Caroline Vendrame Cazeloto.

REFERÊNCIAS

- BAÑOS, J. E.; BOSCH, F. Using feature films as a teaching tool in medical schools. **Educ Med.**, v. 16, n. 4, p. 206-211, 2015.
- BEN, A. J.; LOPES, J. M. C.; DAUDT, C. G.; et al., Rumo à educação baseada em competências: construindo a matriz do internato em Medicina de Família e Comunidade. **Rev. Bras. Med. Fam. Comunidade**, v. 12, n. 39, p. 1-16, 2017.
- BER, R.; ALROY, G. Twenty years of experience using trigger films as a teaching tool. **Acad Med**, v. 76, n. 6, p. 656–658, 2001.
- BER, R.; ALROY, G. Teaching professionalism with the aid of trigger films. **Med Teach**, v. 24, p. 528-31, 2002.
- DARBYSHIRE, D.; BAKER, P. A systematic review and thematic analysis of cinema in medical education. **Med. Humanit.**, v. 38, p. 28-33, 2012.
- DELEUZE, G. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- FARRÉ, M.; BOSCH, F.; ROSET, P. N.; BAÑOS, J. E. Putting clinical pharmacology in context: The use of popular movies. **J Clin Pharmacol**, v. 44, p. 30–36, 2004.
- FLORES, G. Mad scientists, compassionate healers, and greedy egotists: the portrayal of physicians in the movies. **J Nat Med Assoc**, v. 94, p. 635-58, 2002.
- FREITAS, A.; COUTINHO, K. D. Cinema e educação: o que pode o cinema? **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 477-502, 2013.
- GALLAGHER, P.; WILSON, N.; JAINE, R. The efficient use of movies in a crowded curriculum. **The Clinical Teacher**, v. 11, p. 88–93, 2014.
- GARRISON, D. The use of movies to facilitate family engagement in psychiatric hospitalization. **J Am Acad Child Psy**, v. 46, n. 9, p. 1218–1221, 2007.
- GOODE, E. A rare day: the movies get mental illness right. **The New York Times**, Nova York, 5 fev. 2002.
- GREENBERG, H. R. Caveat actor, Caveat emptor: some notes on some hazards of Tinseltown teaching. **Int Rev Psychiatry**, v. 21, p. 241–4, 2009.
- KIRKPATRICK, D. L. Evaluation of training. In: CRAIG, R. L.; BITTEL, L. R. (Ed.). **Training and development handbook**. Nova York: McGraw-Hill, 1967. p. 87-112.
- LAW, M.; KWONG, W.; FRIESEN, F.; et al. The current landscape of television and movies in medical education. **Perspect. Med. Educ.**, v. 4, p. 218-224, 2015.

LUMLERTGUL, N.; KIJPAISALRATANA, N.; PITYARATSTIAN, N.; WANGSATURAKA, D. Cinemeducation: a pilot student project using movies to help students learn medical professionalism. **Medical Teacher**, v. 31, n. 7, p. e327-e332, 2009.

MCCONNELL, M. M.; EVA, K. W. The role of emotion in the learning and transfer of clinical skills and knowledge. **Acad. Med.**, v. 87, p. 1316–22, 2012.

NYQUIST, J. G. What doctors feel: How emotions affect the practice of medicine. **J Chiropr. Educ.**, v. 28, p. 173-4, 2014.

RABINOWITZ, D.; MELZER-GEVA, M.; BER, R. Teaching the cultural dimensions of the patient-physician relationship: a novel approach using didactic trigger films. **Med. Teach.**, v. 24, p. 181-5, 2002.

RAMCHANDANI, D. The downside of teaching psychopathology with film. **Acad Psychiatry**, v. 36, p. 154–5, 2012.

REST, J. R. **Development in Judging Moral Issues**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1979.

ROSE, C. How to teach biology using the movie science of cloning people, resurrecting the dead, and combining flies and humans. **Public Underst. Sci.**, v. 12, p. 289-96, 2003.

SAAB, B. R.; USTA, J.; MAJOR, S.; et al. Communication skills in a Lebanese medical school: From movie theaters to medical classrooms. **Fam. Med.**, v. 37, n. 2, p. 90–92, 2005.

SELF, D. J.; BALDWIN, D. C.; OLIVAREZ, M. Teaching medical ethics to first year students by using film discussion to develop their moral reasoning. **Acad Med**, v. 68, n. 5, p. 383–385, 1993.

SHANKAR, P. R. Cinemeducation: Facilitating Educational Sessions for Medical Students Using the Power of Movies. **Arch. Med. Health. Sci.**, v. 7, n. 1, 2019.

SHELLEY, B. P. A value forgotten in doctoring: Empathy. **Arch. Med. Health. Sci.**, v.3, p. 169-73, 2015.

TAPPER, E. B. Doctors on display: the evolution of television's doctors. **Proc. Bayl. Univ. Med. Cent.**, v. 23, p. 393-9, 2010.